



CARTOGRAFIA SOCIAL E ENSINO DE GEOGRAFIA: CONSTRUINDO SABERES A PARTIR DO TERRITÓRIO

Wislon Pessoa Freire Júnior¹

*(Graduando em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 84994009096,
wislonfreire@gmail.com)*

Giovanna Guadalupe Cordeiro de Oliveira²

*((Graduanda em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 84 999649866,
giovanna.cordeiro.106@ufrn.edu.br)*

Kathe Ellen Sousa Costa³

*(Mestranda em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
kathesousa.costa@gmail.com)*

Jamily Jhennifer Azevedo Lopes⁴

*(Graduanda em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
jamilylopes.geo@gmail.com)*

Alicia Gabriele Aquino Pereira⁵

*(Graduanda em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 84994470065,
alicia.gabriele12@gmail.com)*

RESUMO

O mapa é uma representação simplificada da realidade, construída a partir de um ponto de vista específico. Com base nessa premissa, o presente trabalho tem o objetivo de discorrer sobre as práticas de Cartografia Social aplicadas ao Ensino de Geografia, a partir da experiência desenvolvida na ação de extensão “Da sala de aula ao mapa: Aplicações da Cartografia Social no ensino de Geografia”. Como metodologia, utilizou-se primeiramente a pesquisa bibliográfica e realizou-se a aplicação de cartografia social aplicada ao ensino para turmas do ensino médio, em duas escolas públicas em diferentes bairros na cidade de Natal/RN. Conclui-se que a Cartografia Social, ao articular o conhecimento científico ao saber popular, configura-se como uma ferramenta potente no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a valorização das experiências dos estudantes, a leitura crítica do território e o fortalecimento dos vínculos com o espaço vivido.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Geografia; Cartografia Social; Mapeamento;

Identificação do GT

GT5: Ensino de Geografia

1 INTRODUÇÃO

A ciência cartográfica assim como outras ciências tem passado, nas últimas décadas, por transformações e atualizações na sua aplicabilidade, visto o avanço significativo do meio tecnológico e informacional, alinhado aos mais variados procedimentos, materiais, softwares e mecanismos de alto valor e precisão que os conectam, atrelados ao mundo globalizado e contemporâneo vigente na atualidade.

Nesse sentido, a Cartografia, de modo geral, é definida como o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas, que partem não só da observação direta, mas também da análise documental, possibilitando a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão e representação da realidade (Oliveira *apud* Silva, 2019). Diante disso e de toda evolução histórica, ideológica, geopolítica, cultural, e econômica envolvendo a cartografia possibilitou-se que esta, enquanto ciência, representasse os fenômenos, nas suas mais variadas escalas e intensidades sendo o mapa, seu principal produto.

Diante da sua vasta gama de ação e evolução, assim como outras ciências, surgem tipologias, temáticas e metodologias ligadas diretamente à cartografia. Nos últimos anos vem crescendo o uso de um procedimento que é justamente oriundo e característico nesse sentido, que é a Cartografia Social (CS). A CS se configura como uma proposta metodológica da ciência cartográfica que busca valorizar o conhecimento tradicional, popular, simbólico e cultural mediante as ações de mapeamento de territórios tradicionais, étnicos e coletivos (Gorayeb, Meireles, Silva, 2025 *apud* Neto *et al.*, 2016).

A Cartografia Social visa a construção de mapas levando em conta as múltiplas dimensões sendo elas coletivas e participativas, necessárias para produção do conhecimento presente em determinado território. As suas características a configuram diretamente como uma forte metodologia de ensino e de difusão do conhecimento, propiciando uma relação mais próxima nas ações de mapeamento desenvolvidas e encurtando a distância dos participantes com seu local de pertencimento. Propicia um conjunto de representações do cotidiano em aspectos naturais, sociais, culturais e ideológicos, sendo mais um fator de ensino e transformação.

A forte relação entre a CS e o ensino, com ênfase na relação direta com a cartografia, proporciona seu contato ao ensino de Geografia, visto a junção e uso dessas ciências para desenvolvimento das práticas de mapeamento, seja no procedimento teóricos, práticos e nas construções dos mapas digitais e analógicos. Essa relação colabora para o conhecimento dessa ciência e aprendizagem de seus conceitos e conteúdos fazendo com que o uso da CS seja importante para a leitura da realidade socioespacial dos indivíduos, além de ampliar as possibilidades de compreensão do espaço geográfico.

Diante das discussões iniciais apresentadas, o presente trabalho tem o objetivo de discorrer sobre as práticas de Cartografia Social aplicadas ao Ensino de Geografia, a partir da experiência desenvolvida na ação de extensão “*Da sala de aula ao mapa: Aplicações da*

Cartografia Social no ensino de Geografia”, aplicada em turmas do Ensino Médio, em duas escolas públicas em diferentes bairros na cidade de Natal/RN.

2 CARTOGRAFIA SOCIAL: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES

O mapa é uma representação simplificada da realidade, construída a partir de um ponto de vista específico. Historicamente, as primeiras representações cartográficas não surgem do ponto de vista geográfico, mas como expressões simbólicas, com base em crenças e mitos. Aos poucos, com o desenvolvimento de instrumentos de medição e técnicas de observação, como a capacidade de calcular coordenadas e altitudes, os mapas foram adquirindo uma aparência mais "objetiva". Diante disso, a cartografia e as representações espaciais sobre o território deixaram de apenas descrever o espaço para também recortar, definir e simbolicamente dominar. Transformando os territórios plurais e cheios de significado em espaços delimitados, quantificáveis e controláveis, os mapas se tornam não apenas uma ferramenta de conhecimento, mas também um instrumento de suporte às ações políticas (Lussault, apud Acselrad e Coli, 2008).

No decorrer da história, os mapas assumiram diversas funções como os mapas administrativos, de desenvolvimento, de zoneamento e de penetração, nesse cenário, os chamados mapas "participativos" introduzem um elemento adicional de legitimidade nas disputas envolvendo representações cartográficas (Acselrad e Coli, 2008). Enquanto a cartografia tradicional consolidou-se como instrumento de dominação, a Cartografia Social surge questionando as lógicas de poder, ao colocar no centro do processo de mapeamento espacial, os saberes e perspectivas dos próprios grupos sociais que estão inseridos no território.

Todavia, ainda que existam múltiplas definições de Cartografia Social (CS), Soares (2024) explica que há um consenso: ela se configura como um ramo da cartografia geral, funcionando como uma ferramenta que possibilita o conhecimento e a análise de dados espaciais de um território específico. Além disso, o termo "social" destaca o caráter participativo do mapeamento, no qual os próprios grupos envolvidos contribuem ativamente para a construção do conhecimento geográfico.

Considerando que a cartografia social surge como abordagem que valoriza os saberes locais e perspectivas vivenciadas de grupos envolvidos, sua aplicação no espaço escolar apresenta-se como ferramenta potente e como possibilidade de integrar os conhecimentos geográficos, ambientais e comunitários dos estudantes. Dessa forma, os alunos não apenas

aprendem sobre o lugar onde vivem, mas também reconhecem sua relação com o território e engajamento na identificação de problemas e potencialidades ambientais. Uma vez que, são colocados no lugar de agentes cartográficos os estudantes se tornam produtores críticos das representações espaciais que refletem nas suas próprias experiências e leituras do espaço no qual estão inseridos.

Nesse sentido, a elaboração prática da cartografia social permite desconstruir a ideia de que um mapa seria uma representação neutra objetiva, revelando seu caráter político e seletivo. Ao desnaturalizar as cartografias convencionais, questiona-se o monopólio técnico dos especialistas e as narrativas hegemônicas sobre o espaço. Neste contexto, o domínio da linguagem cartográfica transforma-se em um poderoso instrumento de leitura crítica do território. No momento em que, crianças e jovens se tornam produtores de mapas, passam a identificar as omissões e hierarquizações presentes nas representações oficiais (Gomes, 2017).

3 CARTOGRAFIA SOCIAL E GEOGRAFIA ESCOLAR: APLICABILIDADE E POTENCIALIDADES

No panorama da educação contemporânea, a reflexão sobre o papel da educação e seus impactos na formação humana é tida como tema de grande destaque e, a partir disso, busca-se investigar o alcance do processo educativo. Ao ponderar sobre tal papel que a educação desempenha, Libâneo (2005, p. 64) expressa que a mesma é muito mais que um processo de transmissão de conhecimento, esta é, intrinsecamente, "uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal".

A Geografia, enquanto componente curricular trabalhado nas escolas, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - documento basilar nacional comum para a elaboração dos currículos escolares -, é fundamental para entender o mundo, pois a disciplina explora como as sociedades em diferentes lugares moldam suas realidades, onde o desenvolvimento da formação da identidade individual e coletiva encontra campo fértil na educação geográfica (Brasil, 2018). Em suma, a Geografia oferece uma perspectiva de entender o espaço não apenas como cenário, mas como resultado e parte intrínseca das construções humanas e das identidades que daí emergem.

Ademais, em concordância com esse documento posteriormente publicado, Castrogiovanni *et al* (1999) trazem que a Geografia estimula o intelecto dos alunos ao promover a interação entre o raciocínio espacial e a demanda de cada um para assimilar e empregar o que é ensinado em seu dia a dia. A partir disso, destaca-se o papel do docente nesse processo como aquele que conecta o raciocínio geográfico dos alunos com a necessidade de aplicação do conteúdo na prática, utilizando diferentes metodologias e abordagens para o melhor desenvolvimento da Educação Geográfica na prática.

Verifica-se, então, que a Geografia escolar tem sido alvo de mudanças que abrangem diferentes perspectivas, dentre as quais destacam-se abordagens explicitadas por Castrogiovanni *et al* (1999) e pela BNCC (Brasil, 2018), que confirmam relevância aos pressupostos da educação geográfica. Conforme explicitado por Callai (2011), tal educação configura-se como um método de ensino que, ao considerar o ambiente em que o estudante se insere, torna o aprendizado realmente relevante para ele. Com isso, percebe-se que empregar metodologias que utilizem a vivência do discente como ferramenta para decifrar o espaço geográfico possui grande valia para essa finalidade.

Ainda em diálogo com a BNCC (Brasil, 2013), este documento verifica, dentro da Geografia, mesmo que de maneira multidisciplinar, a cartografia como instrumento para o desenvolvimento do raciocínio espacial e da alfabetização cartográfica dos estudantes ao longo do Ensino Fundamental e Ensino Médio, tida, ainda, como uma linguagem essencial para a compreensão do mundo e a análise dos fenômenos socioespaciais.

A partir disso, considerando as discussões anteriores sobre a relevância da experiência do estudante na edificação do saber em sua percepção de mundo, a Cartografia Social surge como metodologia de grande valor no ensino de geografia, uma vez que esta, quando empregada no ensino, “pode ser compreendida como método (dialógico e participativo) e linguagem (envolve a oralidade, a textualidade e a representação espacial– croquis e mapas situacionais) (Gomes, 2017, p. 103)”.

Além disso, Soares (2024) coloca esta metodologia como um instrumento essencial para visualizar e localizar tanto as potencialidades quanto os problemas socioambientais e simbólicos de um território, indo além dos dados físicos. Desse modo, no ensino de Geografia, o mapeamento participativo se revela uma ferramenta efetiva, pois permite que os próprios discentes possam identificar e representar suas realidades, suas preocupações e seus recursos

no ambiente em que vivem, o que é crucial para a educação espacial, assim como para a promoção de avaliações críticas dos estudantes acerca de seu entorno.

3.1 RELATO DE PRÁTICAS DE CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA EM SALA DE AULA

Considerando a potencialidade da CS enquanto metodologia aplicada ao ensino, foram realizadas oficinas relacionadas ao projeto de extensão “Da sala de aula ao mapa: Aplicações da Cartografia Social no ensino de Geografia”, desenvolvido em parceria com o GEOPROF (Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado e Doutorado Profissional), o GEOPEC, o projeto GEOPOTY e com financiamento da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN (PROEX/UFRN), em que o projeto atuou juntamente a alunos do ensino médio de duas escolas públicas estaduais no município de Natal/RN.

As oficinas realizadas no contexto do projeto GEOPOTY foram estruturadas em dois momentos articulados. Na primeira etapa, de caráter teórico, foram trabalhados conceitos como bacia hidrográfica, com ênfase na Bacia do Rio Potengi, suas características físico-naturais, culturais e históricas, a formação da cidade de Natal e os diferentes usos da água nessa área. Essa abordagem buscou proporcionar aos estudantes uma compreensão ampliada do território em que estão inseridos, conectando conteúdos geográficos ao cotidiano.

Na etapa seguinte, voltada à prática de mapeamento (figura 1), os alunos foram convidados a construir coletivamente mapas sociais, com base em suas percepções sobre o espaço vivido. Para orientar essa construção, foram propostos três eixos temáticos: (1) Locais de importância simbólica, afetiva ou ambiental, como áreas de lazer, espaços culturais ou referências do bairro; (2) Problemas ambientais identificados, a exemplo do descarte irregular de lixo, lançamento de esgoto e ocupações em áreas vulneráveis; e (3) Usos da água, indicando lugares e formas de usos da água como serviços, pesca, lazer.

Figura 01 – Mapeamento participativo em escola estadual em Natal/RN.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Durante esta atividade, os alunos com auxílio dos pesquisadores integrantes do GEOPOEC, foram orientados a realizar o mapeamento de acordo com as suas vivências e perspectiva sobre o espaço vivido, a partir dos eixos temáticos propostos, a fim de compreender como os sujeitos entendem o território onde estão inseridos. Soares et al. (2022, p. 210) afirma que no contexto de atividades práticas “a Cartografia Social é utilizada como ferramenta que favorece a sistematização e análise de um conjunto de informações espaciais de determinado território”.

Dessa forma, Soares et al. (2022, p. 212) afirma que a CS, se apresenta como um “instrumento eficaz para a mediação entre conhecimento científico e saber popular”, dessa forma, evidenciando o papel dialógico da CS, enquanto uma metodologia ativa, onde os participantes são protagonistas do processo de mapeamento e construção de uma percepção do território, reforçando a importância da visão pessoal e coletiva sobre o espaço vivido.

Com isso, a aplicação da Cartografia Social no contexto do projeto GEOPOTY evidenciou seu potencial como metodologia ativa e participativa no ensino de Geografia, ao possibilitar que os estudantes se reconhecessem como sujeitos do território e produtores de conhecimento. A construção coletiva dos mapas, ancorada em suas experiências e percepções, promoveu não apenas a compreensão crítica do espaço vivido, mas também o diálogo entre saberes, fortalecendo vínculos com o lugar e ampliando a consciência socioambiental dos participantes.

4 DESAFIOS E LIMITAÇÕES

Apesar da Cartografia Social se mostrar enquanto metodologia atrativa e eficaz na proposição de atividades práticas, o que observa-se é a carência de formação específica por parte de muitos docentes, que, em sua trajetória formativa, pouco tiveram contato com metodologias ativas como a CS. Essa limitação compromete a autonomia e a confiança do professor para conduzir processos participativos de mapeamento, exigindo, portanto, ações de formação continuada que promovam não apenas o domínio técnico-cartográfico, mas também a compreensão do potencial pedagógico e político da metodologia.

Outro desafio identificado diz respeito às condições estruturais das instituições escolares envolvidas. A ausência ou escassez de materiais básicos como cartolinas, papel adequado, impressoras, recursos audiovisuais e acesso à internet impacta diretamente a execução plena das oficinas e demais atividades práticas. Embora a proposta da Cartografia Social valorize o uso de instrumentos simples e acessíveis, ainda assim requer o mínimo de suporte técnico e pedagógico para a produção e socialização dos mapas. A infraestrutura limitada das escolas públicas, especialmente nas periferias urbanas, acaba restringindo o potencial criativo e crítico dos estudantes.

5 CONCLUSÕES

A experiência desenvolvida por meio do projeto de extensão “Da sala de aula ao mapa: Aplicações da Cartografia Social no ensino de Geografia” evidenciou o potencial transformador da Cartografia Social (CS) como ferramenta metodológica no contexto da educação básica. Ao integrar a prática cartográfica à vivência dos estudantes, a CS se mostrou capaz de promover um aprendizado significativo, crítico e conectado à realidade socioespacial dos discentes, reafirmando o papel da Geografia enquanto disciplina fundamental para a compreensão do mundo e do lugar de pertencimento.

A construção coletiva dos mapas permitiu que os estudantes ressignificarem seu território, identificando problemas, potencialidades e afetividades que muitas vezes não são contempladas nas representações cartográficas tradicionais. Com isso, reforça-se o caráter político, pedagógico e participativo da cartografia, ao dar visibilidade aos saberes locais e à leitura que os sujeitos fazem do espaço vivido. Essa abordagem amplia a alfabetização

cartográfica e contribui para a formação cidadã e crítica, ao mesmo tempo em que fortalece o vínculo entre escola, comunidade e território.

No entanto, os desafios identificados, como a fragilidade na formação docente e a precariedade estrutural das escolas, apontam para a necessidade de investimentos em políticas públicas que valorizem práticas educativas inovadoras e inclusivas. A formação continuada de professores, bem como o fornecimento de recursos mínimos, são fundamentais para que metodologias como a Cartografia Social possam ser aplicadas de forma efetiva e recorrente no ambiente escolar.

Dessa forma, conclui-se que a Cartografia Social, além de ser um instrumento de representação do espaço, é, sobretudo, um processo educativo emancipador, que possibilita a valorização dos sujeitos e de seus territórios, contribuindo para o fortalecimento da educação geográfica e para a construção de uma escola mais crítica, participativa e comprometida com as realidades locais.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (GEOPROF) pelo suporte. À Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UFRN pelo apoio e incentivo às atividades que possibilitaram a realização das oficinas do projeto “Da sala de aula ao mapa: Aplicações da Cartografia Social no Ensino de Geografia” E ao GEOPEC pela colaboração durante o desenvolvimento do trabalho.

7 REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H; COLI, L.R. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: ACSELRAD, H. et al. (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. Disponível em:

https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%204/Cartografias%20Sociais%20e%20Territ%F3rio.pdf. Acesso em: 07 de julho de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CALLAI, H. C. Educação geográfica: reflexão e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CASTROGIOVANNI, A. C.; GOULART, L. B.; CASTRO. A questão do livro didático em geografia. In: Geografia em sala de aula: práticas e reflexos. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 1999.



GOMES, Marquiana de F. Vilas Boas. Cartografia Social e Geografia Escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 97-110, jan./jun., 2017.

LANDIM NETO, Francisco Otávio *et al.* **Cartografia social instrumento de construção do conhecimento territorial: reflexões e proposições acerca dos procedimentos metodológicos do mapeamento participativo**. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/302>. Acesso em: 04 jul. 2025.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 2005

SILVA, Marcus Vinicius Chagas da; BRITO, Erika Gomes. **Cartografia**. Fortaleza: Ed Uece, 2019. 130 p.

SOARES, Larícia Gomes. Paisagem, comunidade e território: diálogos de saberes e mapeamento participativo em Baía Formosa (RN). 2024. 188f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

SOARES, Larícia Gomes et al. Mapping ideas and building actions: Social cartography and environmental education in the municipality of Baía Formosa/RN. **International Journal Semiarid**, [S.l.], v. 5, n. 5, p. 203–215, 2023. ISSN 2764-6203. Disponível em: <https://journalsemiarid.com/index.php/ijsa/article/view/124/190>. Acesso em: 9 jul. 2025. DOI: https://doi.org/10.56346/Journal_Semiarid_ijsa.v5i5.124.
